



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2013: SIC - XXV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2013
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	A função paterna no contexto da depressão pós-parto materna no primeiro ano de vida do bebê
<b>Autor</b>	ANDRESSA MILCZARCK TEODÓZIO
<b>Orientador</b>	MILENA DA ROSA SILVA

A depressão pós-parto materna tem sido descrita na literatura como associada a dificuldades na relação mãe-bebê, desenvolvimento físico, cognitivo e emocional da criança e também no relacionamento conjugal. O apoio emocional do pai, neste contexto, é de extrema importância, tanto em relação à esposa quanto ao bebê. Este apoio à díade mãe-bebê seria, de acordo com Winnicott (1960/1983), a principal manifestação da função paterna nos primeiros meses de vida do bebê. A seguir, a função paterna incluiria produzir um espaço entre a mãe e o bebê e ainda ser um esteio para a autoridade da mãe. Em um terceiro momento, o pai sustenta a lei e a ordem na vida da criança, protegendo-a de suas próprias fantasias, ao mesmo tempo em que reconhece sua potência.

O presente trabalho tem por objetivo verificar como se manifesta o exercício da função paterna em dois pais, cujas esposas apresentaram indicadores de depressão pós-parto. Ele faz parte de um projeto maior, intitulado “Depressão pós-parto e psicoterapia pais-bebê: estudo de *follow up* aos seis anos de vida das crianças”. O exercício da função paterna foi avaliado em dois momentos, no primeiro e sexto ano de vida da criança. Neste trabalho será descrito, através de estudos de caso, o exercício da função paterna no primeiro ano de vida do bebê. Para tanto, foram analisadas entrevistas com o pai e a mãe e sessões de psicoterapia breve pais-bebê. A Família 1 era composta pelo pai, de 39 anos, pela mãe, de 44 anos, e pelo bebê, com oito meses por ocasião do primeiro encontro com os pais. A família residia em Porto Alegre, sendo que pai e mãe tinham ensino superior completo e trabalhavam fora de casa. A mãe apresentava indicadores de depressão leve, o que foi confirmado pela entrevista diagnóstica. A Família 2 era composta pelo pai, de 44 anos, pela mãe, de 37 anos, pelo bebê, que estava com sete meses de vida no primeiro encontro, e por duas meninas de 14 e 10 anos de idade. A família residia na região metropolitana de Porto Alegre e apenas o pai trabalhava fora de casa. Ambos haviam completado o ensino médio. A mãe tinha indicadores de depressão moderada. A psicoterapia abrangeu 13 sessões para a família 1 e 12 sessões para a família 2. Ambas foram filmadas e gravadas em áudio. Foi realizada uma análise qualitativa dos conteúdos manifestos e latentes das verbalizações do pai e da mãe e, ainda, das interações filmadas, tendo como base o eixo interpretativo “função paterna”.

A partir da análise parcial dos resultados (até o momento foi analisado apenas um dos casos), percebe-se que o pai teve dificuldades em assumir a função de apoio à mãe. Esse apoio deveria se dar, seguindo Winnicott, pela proteção à mãe, para que ela pudesse se dedicar ao bebê, ficando afastada das exigências da realidade externa. Isto se daria, por exemplo, pelo cuidado da casa, pagamento de contas, entre outras coisas que permitisse que a mãe se focasse no cuidado ao bebê. O pai analisado não cuidava satisfatoriamente dessa realidade externa, pois era muito desorganizado, especialmente em relação às finanças, e pouco contribuía para as decisões sobre a casa e a filha. Tinha grande dependência material e emocional em relação à esposa e não conseguiu assumir maiores responsabilidades no momento que se seguiu ao nascimento da filha. Em contrapartida, quando o bebê já estava um pouco maior, ele chamava sua esposa para a realidade externa e assumiu o lugar de um terceiro elemento na relação. Atuava, assim, na separação gradual mãe-criança, criando possibilidade para a triangulação, o que também faz parte da função paterna.

Percebe-se, ainda, que o pai apresentava dificuldades em dizer “não” para sua filha, não colocando alguns pequenos limites adequados a sua idade. O pai também não sustentava os limites colocados pela mãe. Este aspecto da função paterna parece ter ficado exclusivamente ao encargo da mãe, o que fragilizava a posição do pai frente à esposa e ao bebê e sobrecarrega a mãe. Consequentemente, isso poderia trazer efeitos negativos para o desenvolvimento da criança, visto que a função paterna atuaria na integração do bebê, especialmente dando o apoio à relação mãe-filho saudável.